

# RELAÇÕES ENTRE VIOLÊNCIA SILENCIOSA E ASPECTOS PSICOLÓGICOS DAS MULHERES QUE A SOFREM

Éricka Tosta dos Santos Pimenta<sup>1</sup>  
Luzimar de Oliveira Pereira de Jesus<sup>2</sup>

**Resumo:** A violência contra a mulher pode afetar o psicológico, o aspecto físico e principalmente a autoestima da mulher e possui cinco esferas, sendo elas: violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A violência psicológica, no qual faz parte da violência silenciosa, é um dos tipos de violência sofrido com mais frequência pelas mulheres pois é mais difícil de ser identificada e é visto pela sociedade como "normal". O objetivo do projeto é verificar qual a relação entre violência silenciosa e aspectos psicológicos dessas mulheres que sofrem esse tipo de violência. Foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica. Conclui-se que é essencial a mulher ter uma boa autoestima para conseguir sair de um relacionamento disfuncional e não vivenciar os tipos de violência mencionados.

**Palavras-chave:** Violência silenciosa. Autoestima. Mulher.

**Abstract:** Violence against women can affect women's psychological, physical and, above all, self-esteem and has five aspects: physical, psychological, sexual, patrimonial and moral violence. Psychological violence, which is part of silent violence, is one of the types of violence most frequently suffered by women because it is more difficult to identify and is seen by society as "normal". The objective of the project is to verify the relationship between silent violence and the psychological aspects of these women who suffer this type of violence. Bibliographic research was used as the methodology. It was concluded that it is essential for women to have good self-esteem in order to be able to leave a dysfunctional relationship and not experience the types of violence mentioned.

**Keywords:** Silent violence. Self-esteem. Woman.

## 1. INTRODUÇÃO

O artigo discute as relações entre violência silenciosa e aspectos psicológicos das mulheres violentadas. A violência psicológica é um tipo de

---

<sup>1</sup> Éricka Tosta dos Santos Pimenta

<sup>2</sup> Luzimar de Oliveira Pereira de Jesus

violência silenciosa em que a vítima possui uma dificuldade de identificar pois é “normalizado” na sociedade.

Algumas características como o ciúme exagerado são vistos como atos e “cuidado” e “amor” e não como um domínio sob a vítima. Os xingamentos e os insultos na maioria das vezes são perdoados com pedidos de desculpas e promessas que não vão acontecer novamente. A bebida alcoólica também é um fator que contribui para aumentar a probabilidade de agressões verbais e físicas.

A cultura influencia muito pois a mulher é vista desde a antiguidade como inferior ao homem. De acordo com Ribeiro; Coutinho (2011 apud Fonseca; Ribeiro; Leal, 2012, p. 307): “[...] é uma construção social, e tem colocado o homem numa situação de dominação sobre a mulher ao longo da história”.

Diante desse fato, quais as relações entre violência silenciosa e aspectos psicológicos das mulheres que a sofrem?

A violência silenciosa não é percebida pois de acordo com Guimarães et al. (2018, p.1989):

[...]advém de uma construção socio-cultural acerca da particularidade e desigualdade entre os gêneros, o qual se apresenta como o principal responsável pela naturalização da violência, tendo em vista que existe uma cultura de valores enraizada onde a mulher deve ser submissa ao homem.

Os aspectos psicológicos causados pela violência silenciosa na autoestima feminina são vários, entre eles, de acordo com Fonseca, Ribeiro, Leal (2012), sentimentos de incapacidade e culpa; e os autores Guimarães et al. (2018) afirmam que os xingamentos e os insultos moldam as crenças centrais da vítima, no qual passam a ter um sentimento de inferioridade, angústia, insatisfação com a sua autoimagem e distorção na forma que pensam sobre si.

Infelizmente, na maioria das vezes, a vítima da violência não consegue sair da relação abusiva pois segundo Fonseca, Ribeiro e Leal (2012, p. 308)

fica "[...] coagida a um relacionamento baseado, muitas vezes, na dependência financeira e emocional, levando a eventos cíclicos de violência”.

Esse estudo tem o objetivo de compreender a relação entre a violência silenciosa e os aspectos psicológicos das mulheres em que a sofrem, além disso, de forma mais específica, apresentar através de autores o que é violência silenciosa, investigar a relação que a violência silenciosa afeta o psicológico da vítima e analisar os impactos negativos na autoestima feminina.

O presente artigo justifica-se pela importância de discutir sobre os efeitos causados pela violência silenciosa na autoestima e no psicológico feminino. Visto que a autoestima feminina sofre impactos negativos ao se relacionar com parceiros que usam a violência silenciosa como estratégia de manipulação disfarçada de “cuidado”. Como consequência, as vítimas desenvolvem dependência emocional, baixa eficácia na resolução de problemas, transtornos psicológicos, baixa autoestima entre outros fatores.

## **2. MÉTODO**

O tipo de pesquisa utilizada no presente artigo foi exploratório, no qual Gil (2002, p. 41), descreve que " Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses."

De acordo com Gil (2012, p. 27 apud Lozada, Nunes 2019, p. 138):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Para a base nos procedimentos técnicos foi utilizado a pesquisa bibliográfica, sendo descrita por Gil (2002, p. 44) como sendo “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. " Foram utilizados como instrumentos de pesquisa os livros,

artigos científicos e teses e consultados os artigos selecionados para a pesquisa em fontes como o Google Acadêmico e Scielo.

### **3. REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1. Características Gerais sobre a violência contra a mulher**

Existem diversos tipos de violência contra a mulher, sendo estas a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A Lei Maria da Penha (nº 11.340) foi criada para controlar e evitar a violência doméstica e familiar contra a mulher e essa lei descreve a violência em cinco domínios, sendo, a violência física caracterizada por tapas, empurrões, queimaduras que tem o intuito de machucar o corpo. Violência psicológica ou emocional, a mais difícil de ser identificada, pois é silenciosa, causando um dano emocional acompanhado de diminuição da autoestima, sendo caracterizada por chantagem, humilhação, manipulação, insulto, desrespeito, entre outros. Já a violência patrimonial está relacionada a qualquer conduta de destruição ou retenção de bens materiais, objetos, documentos pessoais, instrumentos de trabalho.

A violência sexual refere-se ao agressor que obriga a vítima a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada ou que não permita o uso de método contraceptivo. E por fim, a violência moral é entendida como qualquer comportamento de calúnia, difamação ou injúria contra a vítima. De acordo com Gadoni-Costa; Dell'aglio (apud Fonseca; Ribeiro; Leal, 2012, p. 308) afirmam que: “Segundo estudo da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2006, ‘violência contra a mulher’ é todo ato de violência praticado por motivos de gênero, dirigido contra uma mulher”.

Os autores Oliveira et al. (2016, p.12), descrevem que a violência silenciosa abrange a violência psicológica, moral e patrimonial e “[...] são tão graves quanto as outras, deixando marcas, às vezes, irreparáveis para o resto da vida de suas vítimas”.

Portanto, Teles; Melo (apud Carneiro; Freire 2015, p.35) aponta:

Violência quer dizer uso de força física, psicológica, ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade, é constranger, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo, sua vontade, sob a pena de viver gravemente ameaçada ou lesionada.

Não existe uma percepção unânime do que seja violência, pode-se definir como violência todo ato capaz de violar os direitos humanos. A violência contra a mulher se configura como uma das modalidades de violação de direitos humanos mais recorrentes e praticadas globalmente, sendo também, por fatores culturais, uma das menos reconhecidas. De acordo com Almeida et al. (2017, p.3) diz que: “[...], apesar de não deixar marcas físicas evidentes, a violência psicológica é também uma grave violação dos direitos humanos das mulheres, que produz reflexos diretos na sua saúde mental e física. “

Além de ser um problema social, devido à magnitude de sua incidência nos mais diversos países ao redor do mundo, afetando todas as classes e etnias, trata-se também de uma questão de saúde pública, pois atinge a vítima no âmbito corporal, psíquico e emocional.

### 3.2. Contexto histórico sobre a violência contra a mulher

Desde os primórdios da humanidade, há uma forte cultura patriarcal na sociedade que privilegia os homens, colocando-os nos espaços de poder.

[...] na Grécia Antiga havia muitas discrepâncias entre homens e mulheres. As mulheres não possuíam direitos jurídicos, não recebiam educação formal, eram impedidas de aparecer em público sozinhas, sofriam limitações em suas próprias casas ou em um aposento particular, coisas que aos homens eram permitidas. (PINAFI, 2007 apud GONÇALVES et al., 2022, p.3)

Segundo Gonçalves et al., (2022), as mulheres antigamente eram inseridas no mesmo patamar que as crianças e os escravos, no qual eram negados os seus direitos políticos, sociais e jurídicos e tendo apenas a função de reproduzir e cuidar do lar. O autor Silva (apud Balbinotti 2018, p. 244) afirma que: "Às mulheres era reservado um lugar de menor destaque. Seus direitos e seus deveres estavam sempre voltados para a criação dos filhos e os cuidados do lar, portanto, para a vida privada".

Segundo Nazaré, Salete (2007, p.95):

Nesse sentido, as relações de poder entre homens e mulheres resultaram em diferenças significativas para ambos, mas homens sempre lideraram e dominaram; as mulheres sempre na defensiva foram oprimidas pela legitimação do papel do homem como líder e dominador, papel este historicamente formado e perpetuado por meio da cultura.

Conforme Gonçalves (2022) a partir da Revolução Francesa a mulher conseguiu participar ativamente do processo revolucionário, com a ideologia de igualdade, fraternidade e liberdade e, portanto, ao perceberem que as aquisições políticas não se aplicariam ao seu sexo, algumas mulheres se organizaram para reivindicar seus direitos.

Essa desigualdade de gênero estrutural no qual subjugam as mulheres por seu gênero é uma das causas da violência contra a mulher. A cultura em questão não valoriza a mulher como um sujeito de direitos, como um ser, mas a trata como um objeto que pode ser usado por homens. Segundo Oliveira et al., (2016, p. 2) relata que "[...], não obstante, nossa cultura, através de artigos de consumo, costuma naturalizar o abuso de forma poética e romantizada, negligenciando seu caráter destrutivo e tornando-o sexy e desejável. "

A violência silenciosa não é percebida porque a sociedade romantiza a violência doméstica através das TVs, músicas, novelas e filmes. Por mais que o movimento feminista colabore para a garantia de direitos às mulheres, o machismo infelizmente ainda está presente na sociedade.

É cabível afirmar que o movimento feminista trouxe um grande avanço e garantiu vários direitos às mulheres, porém o movimento até então não conseguiu destruir as raízes da sociedade patriarcal, ainda hoje diversas mulheres continuam sendo vítimas dos mais diversos tipos de violências decorrentes do machismo (Oliveira et al.,2016, p.7).

Santos e Izumino (apud Balbinotti 2018), discorre sobre a construção da ideologia do machismo, no qual é dividido em três vertentes teóricas: dominação masculina, dominação patriarcal e dominação versus vitimização. A dominação masculina na visão de Borges; Lucchesi (apud Balbinotti 2018), defende a ideia de que a violência contra as mulheres é o fruto de desigualdades hierárquicas por meio das diferenças entre homens e mulheres,

sendo apresentada a condição feminina como inferior à condição masculina e autorizando a opressão a mulher.

Na segunda vertente, defendida por Saffioti (apud Balbinotti 2018), discorre que a dominação patriarcal não se resume somente a dominação do macho sob a fêmea, mas também uma exploração econômica que beneficia o homem branco, rico e adulto.

E por fim, a dominação versus vitimização segundo Gregori (apud Balbinotti 2018), diz respeito a dicotomia que a mulher vive entre se vitimizar pela limitação da sua liberdade ou gostar de ser sentir indispensável e estar sob o domínio masculino, se colocando em posição de fragilidade e cooperando na produção de sua falta de autonomia, com o objetivo de obtenção de proteção e prazer, além de reforçar os papéis de gênero.

[...] fica evidente a força do machismo por trás do discurso de dominação, onde os homens controlam os espaços públicos (educação, trabalho e política, por exemplo) e às mulheres resta o espaço privado (unidade doméstica). Ao homem ficam atribuídas as características de força, virilidade, posse e autoridade e à mulher: emoção, passividade, fragilidade e submissão. (BALBINOTTI, 2018, p. 260).

É possível observar que o machismo vai muito além de uma conduta construída, reforçada e aprendida por meio dos papéis de gênero. Sofre influência em como cada cultura constrói discursos específicos de masculinidade, através de ideologias transmitidas pela mídia, literatura, música e discussões na sociedade.

Por fim, é nítido observar que o contexto social e histórico na qual a mulher está inserida, influencia na construção da sua identidade e subjetividade. Observamos que as mulheres têm conquistado o seu espaço na sociedade, direitos sociais, jurídicos, tendo acesso ao estudo, trabalho, mas ainda segundo Fonseca, Ribeiro, Leal (2010, p. 308):

[...] as estatísticas da Fundação Perseu Abramo, em relação à pesquisa realizada em 2001, informam que a cada 15 segundos uma mulher é agredida no Brasil e mais de 2 milhões de mulheres são espancadas a cada ano por seus maridos ou namorados, atuais e antigos.

O grau de escolaridade da vítima contribui na manutenção da violência na sociedade, que segundo Quarini, Barbosa (2019), afirmam que mulheres com maiores níveis de estudo e conhecimento, conseguem se posicionar e realizar denúncias diante dos agressores, já mulheres com baixo nível de estudo e instrução dos seus direitos, favorecem para manter a violência.

Portanto, por mais que atualmente seja propagado a conscientização sobre os tipos de violência, ainda sim é necessária criação de políticas públicas para combater o índice de violência contra as mulheres na sociedade brasileira.

### 3.3. Violência psicológica e a autoestima feminina

A violência psicológica faz parte da violência silenciosa, no qual o Ministério da saúde BRASIL, (2001), define como:

[...] toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Inclui: ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de casa, provocando o isolamento de amigos e familiares, ou impedir que ela utilize o seu próprio dinheiro. Dentre as modalidades de violência, é a mais difícil de ser identificada. [...]

A mulher violentada tem dificuldade de identificar esse tipo de violência pois não é algo que traz marcas visíveis no seu corpo, porém afeta na forma de se enxergar e a sua autoestima. As críticas e as chantagens emocionais dos parceiros em relação a forma de se vestir, se comportar e falar vão se tornando frequentes e a vítima começa a deixar de usar a roupa que gosta, de se maquiar, de fazer a unha e se sente desvalorizada.

Controle motivado por ciúme não é amor e não é romântico. Precisamos parar de falar que controlar as roupas da parceira é uma forma de demonstrar afeto ou de se mostrar preocupado com o relacionamento, por exemplo. Controlar o que a parceira veste, com quem ela conversa, aonde ela vai, proibir que ela faça algo não é sintoma de paixão, é sinal de que o relacionamento é abusivo, nada saudável. (CAMPOLINA, 2015 apud OLIVEIRA et al., 2016, p. 3)

A mulher começa a ter uma crença de desamor e a se perder de si mesma. Os autores Fonseca, Ribeiro, Leal (2012, p.310) afirmam que:



A violência psicológica compromete a autoestima, levando à distorção do pensamento na construção de crenças de desvalor e autodepreciação, interferindo no bem-estar e no desenvolvimento da saúde psicológica da mulher [..].

Os autores Guimarães et al. (2018) corroboram com esses dados salientando que, o sofrimento intenso leva para construção de crenças de desvalorização e auto depreciação, afetando a autoestima da vítima. A dependência emocional é um fenômeno que colabora para a manutenção das violências. Segundo Santos, Camargo (2024, p.2): "Pessoas dependentes emocionais apresentam características e comportamentos específicos que, a longo prazo, podem acarretar consequências ruins, que afetam a sua saúde e a sua vida biopsicossocial".

A baixa autoestima também é fator determinante para a manutenção de comportamentos dependentes. Ainda segundo a visão da autora, o indivíduo com autoestima satisfatória pode proporcionar o bem para si próprio e para o outro, pois o parceiro é visto como uma figura de apego da vítima, no qual se torna dependente emocional e não consegue identificar na maioria das vezes que se encontra em um relacionamento disfuncional. A boa autoestima é um fator muito importante para que a vítima consiga desenvolver o seu amor próprio, proporcionando um ambiente agradável por meio do autoconhecimento e da autonomia.

Segundo Dini; Quaresma; Ferreira (apud Carneiro; Freire, 2015, p. 37) menciona que "A autoestima pode ser definida como o sentimento, o apreço e a consideração que uma pessoa sente por si própria, ou seja, o quanto ela gosta de si, como ela se vê e o que pensa sobre ela mesma. " Ao receber insultos, ameaças e críticas, a mulher violentada pode apresentar modificações na forma de enxergar e pensar sobre si mesma. Passa a acreditar nas palavras do agressor e até mesmo pode interpretar as críticas e o ciúmes exagerado como um ato de "cuidado", não percebendo que se encontra em um relacionamento abusivo.

O agressor usa estratégias como humilhar, criticar e chantagear para controlar a vítima e ter o domínio sobre as suas ações. Para Miller (apud Silva;

Coelho; Caponi 2007, p. 99): “[...] o agressor, antes de poder ferir fisicamente sua companheira, precisa baixar a autoestima de tal forma que ela tolere as agressões”.

O relacionamento abusivo pode ser caracterizado de acordo com Moreira (apud Oliveira et al., 2016, p. 2) pelo: “excesso de poder de uma pessoa sobre a outra dentro de um relacionamento afetivo, no qual um parceiro extremamente ciumento quer controlar as atitudes e decisões do outro, tentando isolá-lo do restante do mundo.” Infelizmente, na maioria das vezes, a vítima só consegue perceber que está em um relacionamento disfuncional quando ocorre a agressão física, pelo fato de que algumas características dos relacionamentos abusivos serem visto como “normais” em nossa cultura. O ciúme patológico por exemplo, é uma característica do relacionamento abusivo, mas que infelizmente é romantizado na sociedade como afirma Siqueira, Rocha (2019, p. 16):

O ciúme passa despercebido, visto como algo que é inerente nas relações por isso tão aceitável pela mulher. Em outras palavras, a ausência de ciúme seria vista como ausência de amor, caracterizando-se, assim, como causa da violência psicológica.

Uma das causas de a violência psicológica perpetuar até os dias atuais, são os fatores condicionantes que estão relacionados à construção social dos papéis masculinos e femininos, além do consumo de álcool e drogas serem relevantes para que a violência psicológica e física ocorra com frequência.

Outros fatores como o ciúme e jogo de poder que está associada à questão da construção social e da desigualdade existente nas relações de gênero, conforme Galvão e Andrade (apud Fonseca, Ribeiro, Leal 2012) apontam, são responsáveis para a manutenção da violência na sociedade. Fonseca, Ribeiro, Leal (2012, p. 313) acrescentam relatando que: “As principais origens da ação violenta advêm de ciúme, poder e histórico familiar, apontando ancoragens sociais no poder masculino e submissão feminina construída ao longo do tempo”.

O histórico de violência familiar do agressor também é um fator que colabora para a manutenção da violência, no qual as vítimas acabam perdendo os

parceiros pois consideram eles como vítimas de si mesmo, que de acordo com Siqueira, Rocha (2019, p.19):

Partindo dessa ideia, verifica-se a dificuldade de enfrentamento e resiliência nas mulheres que sofrem agressão dos companheiros, por acreditar que o comportamento agressivo é fruto das experiências que sofreram quando criança. Dessa forma, a violência não é vista como falta de amor, mas sim, uma ação impensada de alguém que também foi vítima.

Fundamentado em Siqueira, Rocha (2019), podem - se considerar que agressores ao ingerirem a bebida alcoólica, se tornam mais agressivos e impulsivos, partem para atitudes não agradáveis como xingamentos, ameaças e insultos contra a mulher. Conforme Siqueira, Rocha (2019, p. 16), afirmam que “[...] a bebida alcoólica traz sérios prejuízos aos relacionamentos e torna-se um facilitador para a agressão, uma vez que se torna desculpa para a prática e faz com que a mulher internalize a ideia de que nessas circunstâncias a culpa nunca é do homem e sim da bebida. “

As consequências das violências impactam a vida da vítima, trazendo danos como:

[...] distúrbios gastrointestinais, lesões, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez não desejada, sentimento de culpa, baixa autoestima, depressão, ansiedade, suicídios (Oliveira et al., 2005; Villela, 2008). Relatos da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) referentes a uma pesquisa realizada em 2003 informam que as pessoas que vivem em contexto violento, que tende à violência, também se encontram em maior risco de sofrer desordens alimentares, alcoolismo e abuso de outras drogas, estresse pós-traumático, depressão, ansiedade, fobias, pânico e baixa autoestima. (FONSECA, RIBEIRO, LEAL, 2012, p.308)

O autor Hirigoyen (apud Queiroz, Cunha 2018) afirma que os distúrbios cognitivos e de memória também são consequências da violência em específico da violência psicológica e os autores Fonseca, Ribeiro, Leal (2012) corroboram com esses dados salientando que o trauma, o desamor e a insensibilidade diminuem a qualidade de vida da vítima e prejudica a sua inserção social.

Os insultos e os xingamentos, moldam as crenças centrais da vítima e a sua autoimagem, o autoconceito e a autoeficácia são depreciadas. De acordo com Guimarães et al. (2018, p. 1995): “A autoestima é um dos fatores mais afetados como consequência do impacto que a violência causa na vida da mulher que a vivencia, principalmente pela depreciação da autoimagem resultante dos insultos advindos dos parceiros”.

A violência psicológica diminui a autoestima da mulher e como consequência podem apresentar um quadro depressivo, no qual recorrem a medicamentos. Segundo Siqueira, Rocha (2019, p. 21): “[...] as mulheres em situação de violência têm mais chances de desenvolver doenças psiquiátricas e, conseqüentemente, fazer uso de psicofármaco. “

Por fim, a violência psicológica impacta de forma negativa a vida da mulher em todas as áreas e principalmente na sua autoestima, como afirma Guimarães et al., (2018, p. 1996): “[...] as mulheres em situação de violência doméstica apresentam em seus relatos traços de sentimentos de inferioridade, angústia, insatisfação relacionada a autoimagem, e revolta, culminando num impacto negativo na sua autoestima”. De acordo com G-costa, Zucatti e Dell'aglio (2011, p. 226): “O caminho para que os serviços de atendimento à mulher, em especial as delegacias, que são o “ponto de partida” para enfrentar a violência, cheguem a uma situação ideal ainda é longo e repleto de percalços. “ Faz-se necessário apontar que as políticas públicas, profissionais da psicologia e a rede de apoio familiar são fundamentais para que o índice dos tipos de violências apresentadas, possam diminuir na sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da problemática exposta sobre a relação entre a violência silenciosa e os aspectos psicológicos das mulheres que a sofrem, se tornou possível tecer ao longo desse artigo, valiosas considerações que fomentam o ponto inicial, de debate acerca da violência silenciosa e contexto histórico e cultural. Nesse sentido, é perceptível a ligação de enfrentamentos sociais, como o machismo,

é possível identificar a "normalização" dos tipos de violência que as mulheres sofrem na sociedade.

Portanto, é essencial que haja uma valorização e incentivo de debates sobre o assunto, focando a participação das mulheres em debates e incentivando as denúncias anônimas para diminuir o índice da ocorrência na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mayara Plácido; REZENDE, Adelaide Mariana Borges; CARNEIRO, Cíntia de Moraes Cabreira; CATARINO, Elisangela Maura. **As distorções do amor nos relacionamentos conjugais: violência psicológica.** II Colóquio Estadual de Pesquisa Multidisciplinar, Centro Universitário de Mineiros – Unifimes, p. 1-7, 29, 30 e 31 de maio, 2017.

BALBINOTTI, Izabele. **A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e do machismo.** Revista da Esmesc, v.25, n.31, p. 239-264 , 2018.

BRASIL. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006 - **Lei Maria da Penha.** Brasília, DF: Presidência da República, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço.** Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (Caderno de Atenção Básica, 8)

CARNEIRO, Rachel Shimba; FREIRE, Rosana. **Um estudo da relação entre violência psicológica e autoestima.** Conexões psi, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 34-48, jan./jun. 2015.

FONSECA, Denire Holanda da .; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia Soares Barbosa. **Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais.** Psicologia & Sociedade, v. 24, n. 2, p. 307–314, maio, 2012.

GADONI-COSTA, Lila Maria; ZUCATTI, Ana Paula Noronha; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 28, n. 2, p. 219–227, abr. 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Ana Luiza Torres; SANTOS, Gabriel de Alemida Faria.; PAULA, Giovana Aparecida de; MAIA, Jordânia Aparecida Guimarães Maia; LOPES, Denise Sanches. **A violência psicológica voltada á mulheres no âmbito doméstico: uma violência silenciosa.**Revista Projetos Extensionistas, Faculdade de Pará de Minas, p. 1 - 13, jul./nov. 2022.

GUIMARÃES, Renata Cavalcante Santos; SOARES, Maria Cidney da Silva; SANTOS, Renata Clemente dos; MOURA, Jaquelline Pereira; FREIRE, Therezza Virgínia Vital; DIAS, Maria Djair. **Impacto na autoestima de mulheres em situação de violência doméstica atendidas em Campina Grande, Brasil.** Revista Cuidarte, 2018; 9(1): 1988-1997.

LOZADA, Gisele; NUNES, Karina S. **Metodologia científica**. Porto Alegre: SAGAH, 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NAZARÉ, Ellany.; SALETE, Maria Bessa Jorge. **Violencia Contra mulher: Sofrimento psíquico e adoecimento mental**. Revista Biblioteca virtual em saúde, p. 94 - 13, maio./jun. 2007.

OLIVEIRA, Francisca Moana A. de; ÁVILA, Francisca Juliana de P.; BASTOS, Nikolas M. Carneiro; VASCONCELOS, Vanessa L. **Romantização do relacionamento abusivo, uma violência silenciosa: a Ineficácia da Lei Maria da Penha**. ANAIS do IX Encontro de Pesquisa e Extensão da Faculdade Luciano Feijão, Sobral - CE, p. 1-14, novembro, 2016.

QUARINI, Camila; BARBOSA, Roberta. **A violência contra mulher e a psicologia diante dessa realidade na perspectiva da atenção básica**. Revista Mosaico, Universidade de Vassouras, v. 10, n. 1, p. 80 - 85, junho. 2019.

QUEIROZ, Rosana; CUNHA, Tania. **A violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória**. Revista Nupem, Campo Mourão, v. 10, n. 20, p. 86 - 95, maio/ago. 2018.

SANTOS, T. DE O.; CAMARGO, M. R.. **Dependência emocional em relacionamentos conjugais: possíveis fatores e consequências**. Psicologia USP, v. 35, p. e220002, 2024.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. **Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica**. Interface -Comunic., Saúde, Educ., v.11, n.21, p.93-103, jan/abr, 2007.

SIQUEIRA, Camila Alves; ROCHA, Ellen Sue Soares. **Violência psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno**. Revista Arquivos Científicos (IMMES). Macapá, AP, v. 2, n. 1, p. 12-23, dez/jan, 2019.

